



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## O REISADO: EXPRESSÃO DA CULTURA DE BASE AFRICANA NO CARIRI CEARENSE

Cicera Nunes

Doutora em Educação Brasileira - UFC

Docente da Universidade Regional do Cariri – URCA

Piedade Lino Videira

Doutora em Educação Brasileira - UFC

Docente da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

### Introdução

A população afrodescendente brasileira é protagonista de ricas e múltiplas experiências educativas que se dão no espaço da cidade. No entanto, a ausência de compreensão das suas características étnicas tem contribuído para a segregação social e espacial dessas populações e conseqüentemente gerado dificuldades no estabelecimento de políticas públicas culturais e educacionais de incentivo, promoção e valorização do seu patrimônio histórico e cultural. Neste artigo – recorte da pesquisa de Mestrado em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará /UFC intitulada *O Reisado em Juazeiro do Norte - CE e os Conteúdos da História e Cultura Africana e Afrodescendente* - buscamos refletir em torno da relação entre espaço urbano e afrodescendência enquanto um aspecto importante para compreendermos as especificidades da produção da cultura de base africana nas cidades brasileiras.

O *locus* do estudo é o município de Juazeiro do Norte, cidade localizada na região Sul do Estado do Ceará e que concentra uma grande quantidade de manifestações culturais afrodescendentes, com destaque para os Reisados. Esta cidade sofreu um crescimento vertiginoso a partir dos anos iniciais do século XX em virtude do turismo religioso em torno do Padre Cícero o que atraiu uma população advinda de vários estados do Nordeste, dentre eles, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Paraíba, Rio Grande do Norte. Parte dessas pessoas tem passado a residir na cidade considerada “A Meca do Sertão” o que tem modificado sobremaneira a cultura local. Nesse município, no bairro João Cabral, a população afrodescendente constrói uma cultura material, imaterial e simbólica norteada pelos conhecimentos advindos da cosmovisão africana.

O nosso interesse em realizarmos uma análise do lugar da cultura negra no espaço da cidade de Juazeiro do Norte e suas relações se justifica tendo em vista a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

necessidade de compreendermos os valores e dinâmicas preservadas por estas populações e as implicações destas práticas culturais nos processos de construção das identidades. A configuração cultural do bairro é transformada por estas experiências a partir dos sentidos que são produzidos neste território. Consideramos também importante a discussão em torno da implementação de políticas públicas que garantam a estabilidade e autonomia dos elementos dos repertórios culturais de matrizes africanas nas cidades brasileiras.

## **O REISADO COMO ESPAÇO DE (RE) AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA NO CARIRI CEARENSE**

Uma característica importante em toda a região do Cariri cearense, onde está localizada a cidade de Juazeiro do Norte-CE, é a presença dos reisados. No Cariri, os Reisados de Congo têm se espalhado por toda a região, onde a presença negra foi marcante trabalhando nos engenhos de cana de açúcar utilizada na produção de aguardente e rapadura. Teriam chegado provavelmente no final do século XIX e são mais encontrados em zonas de influência alagoana.

Esta é uma manifestação cultural que constitui o legado de base africana na cultura da região caririense, no estado do Ceará. Manifestação esta que é parte do teatro urbano africano e das danças de cortejo, sendo esta uma característica marcante e comum a todas as danças e festas de catolicismo de preto. Autores como, Souza (s/d), Barroso (1996), Martins (1997), Lopes (2006), Funes (2004), destacam a origem africana do reisado.

Não se sabe exatamente quem começou a dançar reisado em Juazeiro do Norte. No livro “Juazeiro em corpo e alma”, Senhorzinho Ribeiro descreve uma dança que remonta às origens do reisado nesta localidade.

A maior festa de Juazeiro, antigamente, acontecia no Dia de Reis. Na véspera, no local da hoje Praça Padre Cícero, colocavam bancas de jogo de toda espécie. No centro do quadro se fazia um trono, e nele se colocava uma menina loura de mais ou menos cinco anos de idade, ou seis mesmo, em traje de rainha, a fim de ser disputada pelos reis dos negros e dos caboclos. Eram dois reisados, os chamados ‘quilombos’, a dança antiga dos negros. De espadas em punho, ambos disputavam a posse da rainha. Era uma



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

contenda bonita. Geralmente durava o dia todo e entrava na noite. Quando acontecia da luta terminar cedo, eles tentavam vender a rainha às pessoas ricas e de destaque (RIBEIRO, 1994, p. 94).

Sobre os quilombos os quais se refere o autor como sendo uma luta entre dois grupos, no reisado de hoje ganha um novo significado. Segundo Valdir, que já ocupou a patente de contramestre em um grupo de reisado local, esta é uma manifestação que é feita nas ruas, visitando casas quando são convidados. “Quilombo é africano, mas se você for ver o quilombo do reisado pro quilombo africano, é diferente. Quilombo é uma manifestação que a gente faz na rua. É digamos, é um cortejo [...] visitando casas quando a gente é chamado, e é dado o nome de quilombo”.

Sobre esse assunto, o professor Renato Dantas, estudioso da cultura juazeirense, coloca que:

Na década de 1950 a gente tem registro de um quilombo aqui no Juazeiro. O que é o quilombo no Juazeiro? Eram os grupos de reisado que brigavam entre si. Quando falo briga não é a violência, mas a brincadeira deles para tomarem uns palácios hipotéticos que eles construíram na Praça Padre Cícero. Todo dia 06 os quilombos saíam aqui correndo a cidade para tomar um castelo hipotético que constroem, onde está a rainha, aqui no João Cabral.

Encontramos registros de Octávio Aires, datados de 1966 (p. 1), onde descreve a comemoração em torno do dia de reis como “[...] um acontecimento invulgar pelo brilhantismo das representações folclóricas que aqui se realizavam”. Este autor relata como parte deste festejo uma luta que envolvia um grupo de negros e índios tendo como objetivo a tomada dos palácios que eram montados, terminando com a venda dos cativos.

Os dois grupos percorriam as ruas procurando evitar encontro dos dois blocos, coisa que só deveria ocorrer na praça por ocasião do ataque feito ao palácio e domínios da corte do rei Negro e seus súditos. Às 13 horas, ou seja, à uma hora da tarde, os dois grupos se recolhiam aos seus domínios no quadro grande, e ali começavam os festejos e danças. A corte negra se divertia cantando e dançando ao Som da Cabaçal. Os índios recolhidos ao seu acampamento também se divertiam com seus cânticos guerreiro e exibições coreográficas, e preparavam-se para o ataque ao reinado Negro (AIRES, 1966, p. 3-4).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A festa continuava em frente à Igreja Matriz com a presença de uma grande multidão que, de acordo com Aires (1966, p. 05), aguardava a apresentação dos “Congos”. Um coro de vozes anunciava a sua chegada:

Oh! Pretinhos de Congo para onde vão?  
Vamos vêr o rosário para festejar.

Arredai, arredai, deixai passar,  
Nosso rei, nosso rei, Dom Cariongo  
Mais a sua, mais a sua, Divindade  
Para seu trono, para seu trono de Maria.

Sobre a origem do nosso reisado, Renato Dantas acredita ser proveniente do Estado de Alagoas. Estes mestres teriam vindo a Juazeiro e, sob o incentivo do Padre Cícero aqui fixaram moradas. Segundo ele, Ciço Boneca, foi o primeiro mestre de reisado juazeirense que se tem notícia:

O reisado, a maioria do Juazeiro, é importado, veio de Alagoas. Onde é que se praticava reisado em Alagoas? Na zona rural. Qual é um dos estados mais negros do Brasil? Alagoas, conseqüentemente o que Oswald diz está correto. Só que o nosso de Juazeiro não é de origem local negra, entendeu? (RENATO DANTAS).

João do Crato, artista caririense, também se reporta à origem do nosso reisado como sendo quase predominantemente alagoana:

Ver músicas que se cantam no reisado daqui que é coisa de Alagoas, você ver falar muito de Alagoas, tem aquela: ‘Meu canário amarelo cantador, se você for pra Penedo eu também vou’. Que é Penedo de Alagoas, que é uma cidade antiga [...] que é onde tem uma manifestação dessas culturas. Então ainda tem em todos os reisados tem essa influência porque o povoamento daqui também teve essa coisa. Juazeiro principalmente que é uma cidade nova e que se você for atrás das origens do Juazeiro, é todo de romeiros que vieram de lá pra cá com a questão do Padre Cícero, atraídos pela religiosidade do Padre Cícero, de Alagoas, de Sergipe, que aí a influência é muito forte e talvez por isso que o folclore aqui, nessa questão de reisado é bastante rica porque eu acho que os grandes mestres contemporâneos, nesses últimos cem anos, eram mestres imigrantes, vindos daí de fora, de vários lugares.

Percebemos esta ligação nas canções cantadas que fazem referência aos nomes de cidades e aos naturais de Alagoas, como também nos reisados de Alagoas vemos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

referência a Juazeiro do Norte e ao Padre Cícero. Como podemos notar nos versos a seguir, cantados pelo Guerreiro da Mestra Margarida:

Mas esse ano eu vou para Palmeira dos Índios  
De lá eu vou assubindo para o centro do sertão  
Tenho instrução comigo não tem sistema  
Tem pena benzim tem pena de ver eu cantar baião.

O reisado é uma das manifestações culturais mais fortes de Juazeiro do Norte. Temos atualmente cerca de dez grupos totalmente organizados. Dentre os grupos tradicionais têm destaque: os Discípulos do Mestre Pedro, Reisado do Mestre Sebastião, Reisado da Mestra Fátima.

A crença na força das palavras, dos gestos, dos cânticos, da dança, a forte relação com a ancestralidade, o respeito aos antepassados como uma obrigação sagrada, são características presentes no universo desses grupos e que podem ser identificados em várias atividades da população negra.

Nestas comunidades cuida-se da organização grupal de crianças, jovens e adultos, da união em defesa de seus interesses, da afirmação social, enfim de estabelecerem entre si laços de afetividade e solidariedade. A transmissão de conhecimentos para as crianças dar-se através dos mais velhos e dos mais experientes no intuito de que estes mantenham viva a força da tradição.

O saber do reisado assim como nas culturas de tradição oral, é passado de geração à geração, na maioria das vezes de pai para filho. A transmissão dos conhecimentos dá-se através da oralidade. Na concepção de Alves (2006, p. 102): “A expressividade do povo negro, através da palavra, constitui prática fundamental no cotidiano da comunidade. Falar faz ecoar sentido e significado às ações do dia-a-dia”.

Esta autora destaca a importância do diálogo nas sociedades tradicionais africanas. Ressalta ainda que o corpo também participa desse processo, pois os nossos gestos, os tons das palavras, do silêncio, revelam nossas intenções. Nos grupos de reisado os iniciantes passam por um processo de aprendizado que se dá basicamente através da palavra e da imitação.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Uma companhia de reisado compõe-se das seguintes figuras: o Mestre, o Palhaço Mateus, o contramestre, o embaixador, contraguia, figurinha, figural, bandeirinha, contracoice e as majestades: o rei, a rainha, o príncipe e a princesa. Estes personagens formam o figural, que compõem o corpo permanente da brincadeira.

Além destas figuras, numa apresentação de reisado são utilizados também os “entremeios” (corruptela de entremezes) que são pequenas encenações que intercalam a execução das peças. Nestas apresentações várias personagens entram em cena numa ação improvisada e divertida: Boi, Sereia, Alma, Catirina, Sapo, Jaraguá, Guriabá, dentre outros.

Segundo Barroso (1996) estes “bichos” (que denominam não somente os animais, mas também os híbridos) têm origem nas mitologias africanas e ameríndias onde é comum a confraternização entre bichos e pessoas. A música acompanha todo o espetáculo, seguida de uma orquestra composta basicamente de caixa, viola, violão e zabumba.

A expressão da cultura afrodescendente em Juazeiro do Norte - CE através dos reisados compõe o patrimônio histórico e cultural desse município. Estão presentes nessa localidade desde a sua origem fazendo parte da identidade dos indivíduos que participam dos grupos e da coletividade, daí estarem intimamente relacionados com a memória e a história da cidade.

As marcas do legado africano estão presentes em várias cidades brasileiras constituindo-se com espaços de memória, cultura e sociabilidade. Percebemos também a presença africana na história da formação das cidades centenárias brasileiras. Foi com base na mão-de-obra de africanos e afrodescendentes que se construiu grande parte do patrimônio cultural do país (CUNHA Jr., 2007). Esse patrimônio é resultado do conhecimento construído pela população afrodescendente. Os bens materiais e imateriais são partes da memória e da história das populações na cidade, constituindo-se, portanto como um direito de todos os brasileiros.

### **A cidade e a cultura de base africana**



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

As cidades são construções sociais definidas pelas formas sociais, políticas e econômicas de ocupação do espaço urbano. Caracterizam-se pelas suas especificidades culturais, pelas suas particularidades econômicas e pelas relações de poder que são estabelecidas no território (CUNHA Jr. 2007). É também o lugar de formação, de criação, de convivência, de produção da cultura, de conflitos (CAVALCANTI, 2001). A nossa análise sobre a cidade parte da sua relação com a cultura, com a cidadania, com a vida cotidiana.

Ampliamos essa discussão sobre espaço urbano enquanto uma produção social acrescentando a especificidade dos afrodescendentes, questão que tem sido desconsiderada nas análises sobre pobreza urbana (CUNHA Jr., 2007). Ao conceito de espaço urbano, Cunha Jr. acrescenta a definição de “Territórios de Maioria Afrodescendente” para determinar as áreas específicas que são ocupadas por estas populações. Nestas áreas, encontramos outros grupos sociais de origens históricas e culturais diversas, mas a população afrodescendente constitui-se como maioria determinando a dinâmica cultural e social desses territórios. A dificuldade está no reconhecimento de um problema histórico específico que afeta esta população nas cidades o que tem inviabilizado a implementação de políticas públicas que garantam a sua promoção.

Os referenciais históricos e identitários tem sido historicamente desconsiderados pelas políticas urbanas e pela intelectualidade acadêmica. A ausência de políticas culturais que beneficiem os afrodescendentes se justifica na ausência de padrões técnicos e acadêmicos da administração pública que tem seus fundamentos nas culturas eurocêntricas, de base universalista e que não se adequam à realidade das culturas de outras origens étnicas (CUNHA Jr., 2007). Somente nos últimos 10 anos tem surgido pesquisas que discutem a relação entre “raça” e espaço urbano com foco na segregação espacial (RAMOS, 2010).

Por outro lado, o processo de negação da cultura negra é fruto de uma ideologia racista e discriminatória que tem negado a participação desses povos na construção da cultura nacional. A República brasileira desenvolveu uma política contrária aos interesses da população negra. A cultura de matriz africana processada no espaço das cidades é empurrada para as periferias das cidades onde os serviços públicos são precários e falta infraestrutura gerando uma pobreza urbana que atinge o grupo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

afrodescendente e tem suas origens nas estruturas econômicas, nas estruturas de poder e dominação étnica (CUNHA Jr., 2007).

O cotidiano das populações afrodescendentes no meio urbano das cidades brasileiras constitui-se aspecto importante para compreendermos a produção da cultura de base africana, pois estas populações possuem cultura e histórias singulares. A dinâmica sociocultural desses bairros que se transformaram em territórios negros tornou-se a base das relações sociais dos seus moradores e são elementos importantes da construção das identidades. No entanto, pela falta de entendimento e desconhecimento da cosmovisão africana, como modo de vida e como cultura, suas especificidades são ignoradas pelas políticas públicas (RAMOS, 2010).

### **Considerações finais**

Para os integrantes dos Reisados juazeirense o mundo simbólico, imaginário, religioso, real, étnico, cultural de cada sujeito advém da história vivida por gerações passadas, do respeito à ancestralidade que consagra a nossa relação com o continente africano. Apontamos a valorização das manifestações artísticas de base africana no Cariri cearense como uma possibilidade para o aprendizado da cultura e para a afirmação da identidade étnica de crianças e jovens negras e negros.

O estudo possibilitou-nos a reescrita da nossa história dando voz a sujeitos que através da dança consagram a nossa relação com o continente africano. Esse movimento de circularidade, entre o passado e o presente, possibilitou-nos contextualizar a presença negra na região e reconhecê-los como sujeitos produtores de cultura, portanto, fundamentais para a compreensão dessa realidade. Reconhecemos a essência plural e complexa da cultura afrocearense e, por este motivo é necessário que o Estado reconheça essas diversidades, promovendo políticas públicas que garantam a estas diversas culturas o direito de atuarem na esfera pública de forma a romper com uma concepção que nega as práticas culturais produzidas pelos grupos afrodescendentes o seu caráter histórico, social, educativo.

Defendemos também que a escola não pode ficar alheia aos conhecimentos que envolvem o universo cultural no qual o aluno está inserido e que ampliam os fatos históricos que envolvem a sua vida, pois temos direito a uma educação que recupere



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

nossas memórias-históricas e fortaleça as identidades e, nesse contexto, é importante a valorização dos conhecimentos tradicionais das nossas comunidades. Esta educação também abre possibilidades para se reconheça a pluralidade de culturas como um fator positivo da sociedade brasileira. Esta escola precisa se transformar num espaço de troca de conhecimentos, atuar no enriquecimento individual e coletivo dos alunos que a frequentam mediando as suas relações com os outros grupos, mas sem negar os seus referenciais, possibilitar que os alunos negros sintam orgulho da sua cultura e afirmem a sua autoestima.

## Referências

AIRES, Octávio. **O folclore e o dia de reis no Juazeiro de outrora**. Relatos pessoais, 1966.

BARROSO, Oswald. **Reis de Congo**. Fortaleza: Ministério da Cultura/Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais/Museu da Imagem e do Som, 1996.

CAVALCANTI, Lana de Souza (org.). **Geografia da cidade: a produção do espaço urbano de Goiânia**. Goiânia: Alternativa, 2001.

CUNHA Jr., Henrique Antunes. Afrodescendência e espaço urbano. *In*: CUNHA Jr., Henrique Antunes; RAMOS, Maria Estela Rocha (orgs.). **Espaço urbano e afrodescendência**. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

FUNES, Eurípedes. Negros no Ceará. *In*: SOUZA, Simone de (org.). **Uma nova história do Ceará**. 3. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: O Reisado do rosário no jatobá**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

RAMOS, Maria Estela Rocha. Contextos da construção da territorialidade negra em áreas urbanas. Ano 3. nº. 09, maio de 2010.

RIBEIRO, Senhorzinho. **Juazeiro em corpo e alma**. 2. ed. Juazeiro do Norte: Gráfica Royal LD, 1994.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

SOUZA, Marina de Mello e. Reis e rainhas no Brasil. In.: **História viva**, nº. 3. Ediouro, s/d. Disponível em: <[www.historiaviva.com.br](http://www.historiaviva.com.br)>.